

Resource: Notas de Estudo - Introduções aos Livros (Tyndale)

Aquifer Open Study Notes (Book Intros)

This work is an adaptation of Tyndale Open Study Notes © 2023 Tyndale House Publishers, licensed under the CC BY-SA 4.0 license. The adaptation, Aquifer Open Study Notes, was created by Mission Mutual and is also licensed under CC BY-SA 4.0.

This resource has been adapted into multiple languages, including English, Tok Pisin, Arabic (عربي), French (Français), Hindi (हिंदी), Indonesian (Bahasa Indonesia), Portuguese (Português), Russian (Русский), Spanish (Español), Swahili (Kiswahili), and Simplified Chinese (简体中文).

Notas de Estudo - Introduções aos Livros (Tyndale)

NAM

Naum

Ninguém gosta de estar no caminho de um desastre iminente, nem a ameaça de uma invasão inimiga é um pensamento agradável. Deus pode proteger em tais circunstâncias? Deus julgará os agressores perversos? A resposta de Naum é um claro sim. A profecia de Naum nos assegura que Deus ainda controla a história da terra. Suas mensagens são um aviso para os opressores e um conforto para os oprimidos.

Cenário

Na época de Naum, o reino de Judá estava em perigo de ser engolido por uma grande superpotência, o império assírio. De Nínive, a capital, o grande rei Assurbanípal (668–626 a.C.) levou o poder assírio ao seu auge. Seu poder militar e influência cultural se estendiam por toda a extensão do antigo Oriente Próximo. Até mesmo a antiga cidade de Tebas havia sentido o calcanhar do conquistador ([3.8–10](#)).

Essas circunstâncias eram menos do que encorajadoras para Naum e o povo de Judá. Israel, seu reino irmão ao norte, já havia caído para os assírios em 722 a.C., e Judá agora enfrentava o mesmo inimigo imperial. Para piorar a situação, Assurbanípal havia recentemente capturado o rei de Judá, o perverso Manassés (697–642 a.C.), e o levado para Babilônia ([2Cr 33.10–11](#)). Após sua libertação do cativeiro, um arrependido Manassés ([2Cr 33.12–17](#)) tentou desfazer sua antiga maldade ([2Rs 21.1–18](#); [2Cr 33.1–9](#)). Apesar de seus esforços, sua influência maligna anterior ainda permeava a terra. Uma nuvem de desgraça pairava sobre o povo de Deus. Assim, as mensagens proféticas de Naum sobre a queda de Nínive e a esperança para o futuro de Judá foram oportunas.

As sementes da queda da Assíria já estavam sendo plantadas nos dias de Naum. Após o rei Assurbanípal repelir uma forte coalizão de inimigos a oeste e resistir ao desafio de seu irmão ao trono, ele se dedicou a atividades literárias e

artísticas. Os assuntos de estado foram negligenciados, e a Assíria tornou-se cada vez mais fraca. Após a morte de Assurbanípal (626 a.C.), uma a uma das grandes cidades da Assíria começou a cair nas mãos de invasores estrangeiros. Então, o impensável aconteceu — Nínive em si caiu em 612 a.C., como Naum havia previsto.

Resumo

Naum inicia sua profecia descrevendo o poder de Deus em duas passagens poéticas marcantes, [1.2–6](#) e [1.7–11](#). Esses poemas retratam o julgamento soberano de Deus contra a maldade e sua bondade para com aqueles que colocam sua confiança nele. Os versículos iniciais garantem que Deus administrará sua justiça de forma justa.

Naum então explica o que a justiça soberana de Deus significa no curso da história ([1.12–15](#)). Nenhuma nação é tão grande que não pague por seu mal, e Deus está ciente da situação dos oprimidos. O profeta assegura ao povo de Judá que em breve eles experimentarão mudanças nas circunstâncias. A paz e a estabilidade retornarão, e o povo de Deus poderá desfrutar da adoração ininterrupta a Deus.

Após prever o cerco de Nínive e o retorno das condições normais em Judá ([2.1–2](#)), Naum descreve a queda da capital assíria em duas representações vívidas ([2.3–10](#); [3.1–7](#)). Entre os dois relatos, Naum contempla a destruição de Nínive em uma breve canção zombeteira. Com sátira mordaz, ele declara a intenção de Deus de pôr fim à ganância da orgulhosa Nínive ([2.11–13](#)).

Naum intensifica a sua descrição anterior da queda de Nínive através de outra sátira da cidade. Nínive não seria mais defensável do que a capital do Egito, Tebas ([3.8–13](#)), que a Assíria havia destruído. Naum encerra sua profecia com mais uma peça de sátira ([3.14–19](#)). Sentindo o desespero da situação de Nínive, ele zomba dos cidadãos da cidade, instigando-os a recorrer a todos os seus recursos para se defenderem. Claro, isso não adiantaria. Nínive ficaria fatalmente ferida, sem ninguém para ajudar ou sequer lamentar sua passagem.

Autor

Além do pouco que pode ser deduzido de seus escritos, nada se sabe sobre Naum, o autor desta breve profecia. No texto hebraico, ele é identificado como “Naum, o Elcosita” ([1.1](#)). Elcos poderia ser o nome de seu clã, mas mais provavelmente era sua cidade natal, que provavelmente estava localizada no sudoeste de Judá. Os detalhes do livro mostram que ele conhecia bem a cidade de Nínive.

Data

Naum menciona a queda de Tebas (663 a.C.; [3.10](#)) e prevê a queda de Nínive, que ocorreu em 612 a.C. Portanto, Naum proferiu essas profecias em algum momento entre 663 e 612 a.C. Exatamente quando ele fez isso dentro desse intervalo de anos é discutível. Pode ter sido em algum momento no final do reinado de Manassés (por volta de 648–645 a.C.), talvez durante as tentativas de reformas de Manassés após ser libertado do cativeiro assírio ([2Cr 33.12–16](#)). Ou pode ter sido mais tarde, durante o início ou meio do reinado do justo Rei Josias (640–609 a.C.).

Significado e mensagem

Nenhum império, por maior que seja, está além do escrutínio de Deus. Mais cedo ou mais tarde, todos devem prestar contas de suas ações ao Senhor. A realidade da justiça justa e soberana de Deus está por trás do julgamento previsto de Nínive e Assíria. Ele está no controle de todos e de tudo na terra e se preocupa com todos que sofrem, seja pelos horrores e atrocidades da guerra ou por alguma outra opressão. A humanidade sobrecarregada pode ter confiança de que a justiça divina prevalecerá em última instância.

Deus é paciente ([1.3](#)), e seu povo deve ser perseverante. A certeza de que este bom e cuidadoso Senhor ([1.7](#)) tem um propósito distinto para seu povo ([2.2](#)) os encoraja a viver com fé e confiança. Apesar do tom ameaçador do livro, há boas-novas de esperança ([1.15](#)). O profeta prediz um futuro dia em que o povo de Deus voltará a adorá-lo em maravilhosa paz e alegria. Eles finalmente estarão livres daqueles que tentariam tirar sua liberdade.

Escritores subsequentes das Escrituras encontraram nas boas-novas de Naum uma promessa das boas-novas de Cristo ([Rm 10.15](#); veja também [Is 52.7](#)), que oferece a oportunidade de libertação do pecado. Saber que o descrente enfrenta um destino ainda pior do que o de Nínive

caída motiva um esforço missionário para levar as boas-novas de salvação e vida eterna através de Cristo a um mundo moribundo.